

ENTRE O SENTIDO E O ABSURDO EM CLARICE LISPECTOR POR SØREN KIERKEGAARD E VICE E VERSA

Haleks Marques Silva (UFNT)

halekshms@hotmail.com

Maria José de Pinho (UFNT)

mjpgon@uft.edu.br

Daniel Cervantes Angulo Vilarinho (UFNT)

advcervantes@hotmail.com

Heliamar Marques Rosa Brito (UFNT)

elirosa190@gmail.com

Walace Rodrigues (UFNT)

walace@mail.uft.edu.br

RESUMO

Neste artigo, propomos exemplificar a árdua relação entre a literatura e a filosofia como instrumentos imprescindíveis à formação do devir do ser humano. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar, pelo viés comparativista, a produção literária de Clarice Lispector com a filosófica de Søren Kierkegaard, realizando uma análise ôntica e ontológica de alguns pontos, tais como a angústia, a verdade e a liberdade, no romance “A paixão segundo G.H.” à luz da filosofia existencial, a partir das concepções abordadas por Søren Kierkegaard em “O conceito de angústia”. Os resultados desse trabalho mostram-nos que a inter-relação das obras escolhidas para análise pode produzir novos sentidos interpretativos para elas, ativando processos de subjetivação a partir de saberes compartilhados entre as mesmas.

Palavras-chave:

Clarice Lispector. Formação humana. Søren Kierkegaard.

ASTRATTO

In questo articolo, ci proponiamo di esemplificare l'arduo rapporto tra letteratura e filosofia come strumenti essenziali per la formazione del divenire degli esseri umani. In questo senso, il testo si propone di analizzare, da una prospettiva comparativa, la produzione letteraria di Clarice Lispector con quella filosofica di Søren Kierkegaard, eseguendo un'analisi ontica e ontologica di alcuni punti, come angoscia, verità e libertà, nel romanzo “A paixão segundo G.H.” alla luce della filosofia esistenziale, basata sui concetti accostati da Søren Kierkegaard in “O conceito de angústia”. I risultati di questo lavoro ci mostrano che l'interrelazione dei lavori scelti per l'analisi può produrre per loro nuovi significati interpretativi, attivando processi di soggettivazione a partire dalla conoscenza condivisa tra loro.

Parole chiave:

Clarice Lispector. Formazione umana. Søren Kierkegaard.

1. Introdução

Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *Uma análise comparativista da obra “Apaixão segundo G.H.” de Clarice Lispector com “O conceito de angústia de Søren Kierkegaard”*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa pesquisa. Buscamos, com este artigo, desenvolver algumas reflexões aproximando a produção literária de Lispector com a filosófica de Kierkegaard: a análise ôntica e ontológica de alguns pontos do romance “A paixão segundo G.H.”, de Clarice Lispector, à luz da filosofia existencial, especialmente a partir das concepções abordadas por Søren Kierkegaard em “O conceito de angústia”.

2. O vir-a-ser do “ente” entre os confins da angústia e da paixão

Em um primeiro momento acreditamos que convém elucidarmos o que aqui entendemos pelo termo ôntico e ontológico de acordo com o filósofo alemão Martin Heidegger¹. Uma vez que essas concepções passam todo este trabalho como um instrumento para abordar os fenômenos tanto de Clarice Lispector quanto de Søren Kierkegaard, como de suas respectivas produções, e os temas por eles abordados. A palavra ôntico vem do grego *ὄν*, flexão *ὄντος*: “do que é”, é existência física, real e factual. Refere-se à dimensão concreta e específica e local do ente. Com outras palavras, ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes e suas relações com outros entes.

Já a palavra ontologia vem do grego *ὄντος*, *ὄντος*, “ente”, que por sua vez vem do particípio presente do verbo *εἶναι*, *εἶναι*, “ser”. E *λόγος*, *logos*, “discurso”. Sendo assim, literalmente significa: “discurso sobre o ser”. Ontologia, então, é a parte da metafísica que trata da natureza, da

¹ Martin Heidegger (*Meßkirch*, 26 de setembro de 1889 – Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976) “escritor, professor universitário e reitor, é também conhecido como um dos maiores filósofos da existência. É frequentemente considerado um elo entre o existencialismo de Kierkegaard e a fenomenologia de Husserl. *Ser e Tempo*, publicado originalmente em 1927, é o seu trabalho reside na unificação de dois temas tradicionais, revelados no próprio título. Heidegger critica o avanço da postura positivista, que privilegia o progresso das ciências experimentais, tais como a matemática e a biologia, em detrimento das reflexões acerca do ser” (TELES; LIBANORI, 2018, p. 343).

realidade e do estudo filosófico da existência dos entes. Com outras palavras, a ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres objeto de seu estudo. Em suma, o “ente” diz respeito ao ser, é a coisa; o “ôntico” diz respeito aos entes em suas existências próprias e o “ontológico” diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento. Com as palavras do próprio Heidegger, o filósofo categoriza “ser” e “ente”:

Chamamos de “ente” muitas coisas, e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*), no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no “dá-se”. (HEIDEGGER, 2015, p. 42)

Neste sentido, o “dá-se” tem a ver com a abertura da existência humana no vir-a-ser-no-mundo. A exposição do ser ao mundo por ele mesmo criado é o vir-a-ser do ente em sua própria existência. Acreditamos que tanto Lispector quanto Kierkegaard buscam compreender o sentido da vida e de serem na vida, seja pela experiência da angústia, quanto da paixão, pois ultrapassam o nível da cotidianidade, o ôntico, em direção à dimensão metafísica do ser, o ontológico. Com isso poderíamos dizer que as obras aqui analisadas nos levam a uma reflexão incomum diante de um mundo que, constantemente, nos afasta de nossas raízes ontológicas, obrigando-nos ao hipercapitalismo e à reprodução de ideologias, dogmas e estereótipos. De tal modo, a busca pela compreensão da essência humana distancia-se cada vez mais das realidades individuais e mundiais e até mesmo acadêmicas. Mergulhados na cultura da navegação e ilusão, estamos fadados a definhar como marionetes, sem autonomia para buscarmos aquilo que deveras somos em profundidade: seres-em-relação-com-os-outros-que-estão-no-mundo-e-com-o-mundo. Segundo Eduardo Losso, como se não bastasse a morte de Deus, agora devemos assistir também a do ser humano.

Nunca na história da humanidade setores progressistas tiveram uma consciência tão clara das ilusões de sua superioridade frente a outros seres. O ser humano escraviza animais, extingue várias espécies, desequilibra profundamente a biosfera e multiplica a sua população – para quê, afinal? Para emburrecer passando horas na *timeline* das redes? Para assistir insultos e piadinhas de *youtubers*? Para aumentar a desigualdade dentro de sua própria espécie, para manter o bem-estar de cada vez menos pessoas e agravar o estresse e o sofrimento de uma maioria crescente? (LOSSO, 2018, [s/p])

Nosso tempo é preenchido com as coisas do dia a dia. A produção, seja ela material ou intelectual, torna-se nossa meta e pré-ocupação. Não nos esforçamos, ou não temos devida força para imaginar o porquê das nossas escolhas e atitudes, a não ser aquelas estritamente necessárias à nossa efêmera sobrevivência. De tal modo vivemos, segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011), em um mundo hipermoderno e desorientado onde “a cultura não se separando mais do universo mercantil, exhibe uma vocação planetária e infiltra-se em todos os setores de atividade. Nos tempos hipermodernos, a cultura tornou-se um mundo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma”.

Sendo assim, acreditamos que, tanto a literatura quanto a filosofia, favorecem uma maior compreensão do que vivenciamos culturalmente, como a mudança de paradigmas educacionais, voltados a uma nova maneira de compreender a complexidade do mundo com suas novas diferenças e diversidades. Neste sentido, dizem Rodrigues e Silva:

O caráter da mudança de identidade na pós-modernidade não é apenas um rompimento, uma descontinuidade ou um deslocamento, mas um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas em seu próprio interior. Com outras palavras, a sociedade atual não possui um único referencial de verdade, um centro no qual se espelhar ou um único princípio para se nortear. E quais são as consequências imediatas dessas metamorfoses? Uma das principais consequências é que as sociedades modernas são caracterizadas pela “diferença” e pela “diversidade”. Por esta razão se faz necessária uma verdadeira educação que realmente eduque para as peculiaridades e riquezas da tolerância e da diversidade cultural. (RODRIGUES; SILVA, 2018, p. 505)

Além do que foi dito acima, o ente pode assumir uma postura mais autêntica e de preocupação com relação a si mesmo, aos entes que vêm ao seu encontro e o mundo com o qual convive. A apropriação dessa postura, pensamos, somente torna-se possível por meio do fenômeno da angústia. Ela caracteriza-se como uma abertura para que o ser do ente possa reencontrar-se com a possibilidade de ser livre, ou seja, escolher a si mesmo adotando o seu poder-ser mais próprio. De fato, dirá Kierkegaard:

O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. (KIERKEGAARD, 2010, p. 45)

Essa abertura, por seu turno, além de singularizar o ente, isto é, resgatando-o do universo da cotidianidade, também confere um sentido extremo de que o ente é colocado para dentro de seu-mundo-no-mundo.

Sendo assim, Clarice Lispector regressa singularizada enquanto ser-no-mundo, sentindo-se, em termos existenciais, estranha.

O que era difícil: pois a coisa neutra é extremamente energética, eu cuspia e ela continuava eu. Só parei na minha fúria quando compreendi com surpresa que estava desfazendo tudo o que laboriosamente havia feito, quando compreendi que estava me renegando. E que, ai de mim, eu não estava à altura senão de minha própria vida. (LISPECTOR, 2009, p. 167)

Mas como é possível que o encontro com uma barata no quarto da empregada tenha causado uma deiscência² transcendental à sua existência? “Eu que pensara que a maior prova de transmutação de mim em mim mesma seria botar na boca a massa branca da barata. E que assim me aproximaria do... divino? do que é real? O divino para mim é o real” (LISPECTOR, 2009, p. 167). Para Benedito Nunes (1995), “A paixão segundo G.H.” é a confissão de uma experiência tormentosa, motivada por um acontecimento banal”.

Todavia, essa banalidade estranha, de fato, fez com que seu mundo virasse de cabeça para baixo, a partir do momento em que se deparou com o mais íntimo de si mesma. Como desvelar o *mysterium* da existência humana? Clarice Lispector mergulha no âmago do “Gênero Humano”. Será esse o significado das iniciais de G.H.? Clarice Lispector levanta questões de suma importância para a compreensão de temas profundos tais como autenticidade, transcendência e imanência e, destacando-se os conceitos de verdade, alteridade e liberdade. Rodrigues (2013, p. 141) dirá que Clarice Lispector “sonda o mundo interior do ser humano e busca nele o que há de mais penetrante, os desejos mais escondidos e as complexidades mais arraigadas. Porém, com o mesmo brilhantismo, ela participa e compreende o mundo material da objetividade humana, seus sofrimentos e mazelas”. Além do que foi dito, não podemos nos esquecer de que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade na existência do “Ser Humano”, como assevera Kierkegaard.

E esse é o prodígio da vida, que qualquer ser humano que presta atenção a si mesmo sabe o que nenhuma ciência sabe, dado que ele sabe quem ele mesmo é, e isso é o que há de profundo na sentença grega *γνωθι σαυτον* “Conhece-te a ti mesmo”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 85)

Clarice Lispector tenta elucidar a deiscência que lhe ocorreu como um fenômeno epifânico proveniente de seu interior em busca de autenti-

² Essa abertura se dá pelo fato da *EX-PERI-ENTIA*, literalmente “conhecer além dos limites (do *logos*)”, que Lispector teve. Propiciando a ela uma mudança de percepção com relação à transcendentalidade, passando do absurdo ao sentido.

cidade, G.H. afirma que muito possivelmente não conseguirá lidar com as possíveis “metanoias”³ em seu ser.

Estou desorganizada porque perdi o que não precisava? Nesta minha nova covardia - a covardia é o que de mais novo já me aconteceu, é a minha maior aventura, essa minha covardia é um campo tão amplo que só a grande coragem me leva a aceitá-la, na minha nova covardia, que é como acordar de manhã na casa de um estrangeiro, não sei se terei coragem de simplesmente ir. É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. (LISPECTOR, 2009, p. 11)

Com outras palavras, a tentação de voltar a ser o que era antes, ou seja, um ser inautêntico, pode prevalecer, pois assumir uma postura de aceitação perante a realidade alienada parece ser dolorosa demais. G.H tem medo do que é novo, do que pode vir-a-ser diferente daquilo a que estava habituada a perceber e a viver. De repente, ela descobre que vivia em uma ilusão e que uma toda vida nova estava se descortinando diante de si como possibilidade, angústia e medo.

Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. (LISPECTOR, 2009, p. 11)

“É difícil perder-se” (LISPECTOR, 2009, p. 11). Contudo, agora que havia conhecido uma nova possibilidade, sente-se totalmente impelida a ser. “Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e, no entanto, não há outro caminho” (LISPECTOR, 2009, p. 11). Dirá Kierkegaard (2010, p. 46) que se chega o momento em que a liberdade deve ser ela mesma, de maneira profunda e autêntica: “a liberdade, depois de ter percorrido as formas imperfeitas de sua história, deve chegar a ser ela mesma, no sentido mais profundo da palavra”. Clarice Lispector (2009, p. 11-12) sente-se, então, desamparada diante de tal liberdade: “Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir”.

Para Kierkegaard, o ser humano deve ser responsável por suas escolhas a partir do momento em que supera a angústia, cabe a ele optar por determinado caminho, assumindo as consequências que porventura sobrevirão de seus atos. Assim, G.H. deve assumir e assimilar a experiência de sua escolha e eleger a “sua” verdade assaz humana.

³ No sentido tanto de transformação essencial de pensamento ou de caráter, como transformação espiritual.

Fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana. Não sei se terei uma outra para substituir a perdida. Sei que precisarei tomar cuidado para não usar superficialmente uma nova terceira perna que em mim renasce fácil como capim, e a essa perna protetora chamar de uma verdade. (LISPECTOR, 2009, p. 12)

Curiosamente a palavra “verdade” ocorre sessenta e seis⁴ vezes em “A paixão segundo G.H.”. Como vimos, Clarice Lispector desde o início usa a literatura para buscar respostas para a origem do mundo, do ser e de sua avassaladora verdade. “Eu tinha que eu mesma me erguer de um nada, tinha eu mesma que me entender, eu mesma inventar por assim dizer a minha verdade” (LISPECTOR, 1994, p. 304). Etimologicamente a palavra verdade, *ἀλήθεια* em grego, é a junção de *a-*, “negação” e *lethe*, “esquecimento”, isto é, significa o não esquecido, o que é lembrado, o não escondido. É, também, a manifestação do que é realmente ou do que existe realmente tal como se manifesta. A verdade é um auto manifestar-se da realidade ou a manifestação dos seres à visão intelectual dos seres humanos, como se fosse um desvelamento. Todavia, nem sempre o que não é esquecido, é, por sua vez, compreendido.

A verdade não faz sentido, a grandeza do mundo me encolhe. Aquilo que provavelmente pedi e finalmente tive, veio, no entanto me deixar carente como uma criança que anda sozinha pela terra. Tão carente que só o amor de todo o universo por mim poderia me consolar e me cumular, só um tal amor que a própria célula-ovo das coisas vibrasse com o que estou chamando de um amor. Daquilo a que na verdade apenas chamo, mas sem saber-lhe o nome. (LISPECTOR, 2009, p. 17-18)

“A paixão segundo G.H.” não se limita a apenas uma questão. Porém, há uma pergunta que norteia todo o romance: o que é verdade? (Cf. TORRES; FERRAZ, 2015). Paulatinamente, Clarice Lispector vai desvelando a sua verdade e, tateando, buscando dar conta de expressar toda a sua angústia do ser e de ser. Clarice Lispector entrou naquele quarto da empregada sem saber o que de fato a esperava? Para responder a isso, seria preciso um mergulho existencial, ou seja, uma profunda conscientização para um novo aprendizado sobre o que é a vida, o humano, a natu-

⁴ Na cabala (palavra que vem do latim *Cabbala*, que procede do hebraico *qabbālāh*, cuja significação é tradição) o número 66 representa o amor incondicional, tarefa máxima de toda humanidade. A próxima raça raiz, que tenta fixar-se neste planeta, simboliza esse número. A auto realização humana, a capacidade de amar incondicionalmente, o cumprimento do *Karma* e o encontro com o *Dharma*, a “libertação” e a criação maior têm nesse número sua representação. Segundo Ketzer (2016, p. 413), que faz um estudo sobre o simbolismo da Cabala nos escritos de Lispector, dirá que: “O texto de Clarice Lispector possui um forte interesse místico na revelação da palavra enquanto traz o que está escondido”.

reza e o Outro. “Um olho vigiava a minha vida. A esse olho ora provavelmente eu chamava de verdade, ora de moral, ora de lei humana, ora de Deus, ora de mim. Eu vivia mais dentro de um espelho. Dois minutos depois de nascer eu já havia perdido as minhas origens” (LISPECTOR, 2009, p. 17-18). G.H. tomando conta de sua revolução interior, interroga-se sobre o seu papel a ser desempenhado no mundo ou sobre o real sentido e autenticidade de sua vida.

Eu nascera sem missão, minha natureza não me impunha nenhuma; e sempre tive a mão bastante delicada para não me impor um papel. Eu não me impunha um papel, mas me organizara para ser compreendida por mim, não suportaria não me encontrar no catálogo. Minha pergunta, se havia, não era: “que sou”, mas “entre quais eu sou”. (LISPECTOR, 2009, p.18)

A este ponto poderíamos então nos perguntar: em qual momento da angústia kierkegaardiana, Clarice Lispector estaria a realizar o vir-a-ser do seu ente entre a angústia e a paixão, em busca de sua autenticidade e verdade? A resposta não é tão singela. Todavia, convém recordarmos que para Kierkegaard são três os momentos psicológicos em torno da consciência que se manifestam como estados de angústia.

O primeiro momento corresponde ao estado de inocência, o segundo corresponde ao despertar da consciência e, por último, está o estado posterior ao pecado. Esse terceiro momento da angústia é aquele ligado à liberdade e à possibilidade. Kierkegaard dirá que “esta é a realidade que é precedida pela possibilidade da liberdade. Mas a possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher o bem ou o mal. A possibilidade consiste em *ser-capaz-de*” (KIERKEGAARD, 2010, p. 53, grifo do autor). De fato, Clarice Lispector assevera sua angústia diante do seu vir-a-ser no ser-capaz-de: “Minha pergunta, se havia, não era: ‘que sou’, mas ‘entre quais eu sou’” (LISPECTOR, 2009, p. 18). A sua questão não consiste em saber o que é, mas sim, em quem ser depois de tal experiência ao perder sua consistente e plausível formação humana?

Fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana. Não sei se terei uma outra para substituir a perdida. Sei que precisarei tomar cuidado para não usar superficialmente uma nova terceira perna que em mim renasce fácil como capim, e a essa perna protetora chamar de uma verdade. Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe. E – e se a realidade é mesmo que nada existiu?! Quem sabe nada me aconteceu? (LISPECTOR, 2009, p. 11)

Enfim, segundo Ana Torres e Antonio Ferraz (2015, p. 10) “G.H. supera a verdade à qual se submetera durante toda sua vida até então,

abandona a ‘terceira perna’ na qual sempre se apoiara – terceira perna que significa o apoio dos conceitos prontos e acabados, e que, no entanto, a impediam de caminhar, de fazer a travessia para si própria como questão”. Sendo assim, Clarice Lispector se oferece à abertura devassa do questionar das coisas, da vida e de Deus⁵, que agora ela percebe ao adentrar em seu deserto incognoscível, constituindo-se como enigma:

Eu fora obrigada a entrar no deserto para saber com horror que o deserto é vivo, para saber que uma barata é a vida. Havia recuado até saber que em mim a vida mais profunda é antes do humano - e para isso eu tivera a coragem diabólica de largar os sentimentos. Eu tivera que não dar valor humano à vida para poder entender a largueza, muito mais que humana, do Deus. [...] A mim, como a todo o mundo, me fora dado tudo, mas eu quisera mais: quisera saber desse tudo. E vendera a minha alma para saber. Mas agora eu entendia que não a vendera ao demônio, mas muito mais perigosamente: a Deus. Que me deixara ver. Pois Ele sabia que eu não saberia ver o que visse: a explicação de um enigma é a repetição do enigma. O que És? e a resposta é: És. O que existes? e a resposta é: o que existes. Eu tinha a capacidade da pergunta, mas não a de ouvir a resposta. (LISPECTOR, 2009, p. 134)

Sendo assim, a realidade é, portanto, uma fonte inesgotável de questionamentos que nos levam com muita facilidade a oscilarmos entre o pêndulo do sentido e aquele do absurdo. Esse questionar é uma verdade. Etimologicamente a palavra verdade, *ἀλήθεια* em grego, é a junção de *a-*, “negação” e *lethe*, “esquecimento”, isto é, significa o não esquecido, o que é lembrado, o não escondido. É, também, a manifestação do que é realmente ou do que existe realmente tal como se manifesta. A verdade é um auto manifestar-se da realidade ou a manifestação dos seres à visão intelectual dos seres humanos, como se fosse um desvelamento. Com outras palavras, verdade significa o desvelar ou desencobrir das questões, que estão sempre veladas, ou seja, nunca são passíveis de serem contidas em uma única definição, pois, quanto mais se desvelam, mais velam o que são, mesmo com os nossos olhos fechados.

Isto é a loucura, pensei de olhos fechados. Mas era tão inegável sentir aquele nascimento de dentro da poeira - que eu não podia senão seguir aquilo que eu bem sabia que não era loucura, era, meu Deus, uma verdade pior, a horrível. Mas horrível por quê? É que ela contrariava sem palavras tudo o que antes eu costumava pensar também sem palavras. (LISPECTOR, 2009, p. 58)

⁵ Curiosamente, a palavra “Deus” se repete por setenta e sete vezes em “A paixão segundo G.H.”. No horoscopo cabalístico, o número 77 representa o discernimento da alma na direção de sua evolução maior. Representa a libertação, a capacidade de aceitar mudanças e a compreensão da lei da transitoriedade, o sucesso e a ascensão na direção da Luz.

Assim, Clarice Lispector com os instrumentos que lhe são familiares, se dá conta de que a mente, “mente”, e traz consigo a sua verdade e sua paixão, ao ponto de G.H. em suas últimas linhas afirmar: “Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro. - - - -” (LISPECTOR, 2009, p. 179).

O vir-a-ser do ente G.H., embora agreste e escarpado, é a mesma a que todo o “gênero humano” está convidado a realizar no decorrer do seu vir-a-ser na existência. Esta é movida pelas questões ontológicas, e não apenas por suas plausíveis respostas. Entretanto, este questionar é sempre doloroso. Mas, da dor, pode vir a ascensão para uma forma mais plena de ser, mesmo que de forma angustiante.

Retornemos ao pensamento de Kierkegaard. Para ele o ser humano confinado no campo da angústia e da temporalidade não distingue ainda com clareza entre o bem e o mal, ele permanece sempre indeciso diante das possibilidades que se oferecem a ele. Este estado é o da inocência. Desta maneira, é salutar recordarmos que, neste estado, o objeto da angústia é o “nada”. Com outras palavras, isso quer dizer que as possibilidades enfrentadas pelo ser humano estão ligadas à efemeridade da vida temporal, e que são precisamente o nada.

Pois este conceito se refere sempre à angústia na medida em que a ideia de nada advém da corruptibilidade temporal. Todavia, Kierkegaard propõe uma maneira de libertar-se da angústia gerada pelo nada do mundo temporal, fazendo com que o indivíduo busque a instância positiva que há nela, ou seja, isso será possível quando o homem reconhecer, na temporalidade, além do seu caráter relativo e efêmero, o seu caráter eterno. E uma vez reconhecido isso, o homem será capaz de dar um passo mais elevado à sua forma de existir.

De fato, Clarice Lispector tem consciência não apenas da efemeridade do mundo, mas também de si mesma: “O mundo independia de mim - esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser” (LISPECTOR, 2009, p. 179). Depois desta tomada de consciência de sua finitude, no mesmo e último parágrafo reconhece na temporalidade o seu caráter eterno: “E então adoro. - - - - -” (LISPECTOR, 2009, p. 179). “A paixão segundo G.H.”, portanto, pode ser entendida como uma ascensão de Clarice Lispector na travessia

dolorosa que leva, através da escrita, ao renascimento espiritual e existencial através de uma nova experiência religiosa⁶. Eduardo Losso pontua bem a questão da escrita como um processo do desenvolvimento espiritual:

De fato, o ato de escrever é uma das principais atividades da história da ascese, isto é, da prática de si, cuja meditação demorada e registrada se dá nas anotações pessoais, quando a escrita serve ao desenvolvimento espiritual do sujeito, e não a trabalhos meramente burocráticos. A escrita sai do âmbito utilitário e entra no terreno da autotransformação e, sempre quando imerge em si mesmo, necessariamente serve para outros que estejam numa busca, numa *quête*. (LOSSO, 2018, [s/p])

Neste sentido, recordemos de que Kierkegaard propõe o tema da angústia que se salva pela fé. Com outras palavras, a fé é colocada como princípio capaz de curar a angústia e explicita o seu caráter formador diante da corruptibilidade na temporalidade: “A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões” (KIERKEGAARD, 2010, p. 162). Para G.H., talvez tenha sido justamente a procura pela cura de sua angústia que a fez enfrentar e questionar seus antigos medos sobre a verdade, a verdade da sua fé.

Mas agora era tarde demais. Eu teria que ser maior que meu medo, e teria que ver de que fora feita a minha humanização anterior. Ah, tenho que acreditar com tanta fé na semente verdadeira e oculta de minha humanidade, que não devo ter medo de ver a humanização por dentro. – Dá-me de novo a tua mão, não sei ainda como me consolar da verdade. (LISPECTOR, 2009, p. 144-5)

Assim sendo, ao se permitir perguntar quem ela própria não era, a verdade se desvela a G.H., realizando um novo horizonte em sua existência com uma nova compreensão que é essencialmente uma deiscência para o escrever e o questionar contínuo do sentido, da verdade e uma religação ao eterno, uma releitura do sagrado e uma reeleição de sua origem. De acordo com Eduardo Losso (2018, [s/p]), “não há nada transcendente sem que não ganhe existência no imanente, assim como não há nada espiritual que não se dê senão a partir e por meio do material”. Assim sendo, tanto Lispector quanto Kierkegaard utilizam-se de suas liberdades, literaturas e verdades para darem sentido ao absurdo do nada

⁶ Convém aqui recordar, do ponto de vista das Ciências das Religiões, de que a palavra religião possui três significados basilares: “*Re-legere* (re-ler): considerar atentamente o que pertence ao culto religioso, ler de novo, ou então reunir; *re-ligare* (re-ligar): ligar o homem de novo a Deus; *re-eligere* (re-eleger): tornar a escolher Deus, perdido pelo pecado” (WILGES, 2014, p. 15).

em suas existências. Cada qual buscando dar sentido às suas próprias verdades, que são subjetivas, e orientando-as à autenticidade, não obstante aos absurdos, angústias e paixões que advém da liberdade como possibilidade possível inerente aos seus seres. Fazendo da vida, em certos momentos, quase que insuportável diante do abismo da falta de sentido, como que perdidos “à beira do nada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KETZER, Estevan de Negreiros. De um lado a outro do eu ao infinito que habita em nós: uma experiência mística judaica em Clarice Lispector. *Revista Letrônica*, n. 2, v. 9, p. 411-23, Porto Alegre, jul./dez. 2016.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: respostas a uma sociedade desorientada*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LOSSO, Eduardo. *O silêncio, a contemplação e a poesia*. Etty Hillesum e a mística em tempos complexos. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/585695-a-necessidade-de-reconhecer-o-mal-no-humano-para-enfrenta-lo-entrevista-especial-com-eduardo-losso>. Acesso em: 02 mar. 2019.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Wallace. Lados opostos da mesma moeda: A obra de Clarice Lispector e Andy Warhol em 1977. *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 7, n. 2, p. 139-52, Blumenau, mai./ago. 2013.

RODRIGUES, Wallace; SILVA, Haleks Marques. O ovo e a galinha de Clarice Lispector como deiscência para o ensino da filosofia e da literatura. In: SILVA, A.A.; SILVA, G.G.; ALMEIDA, N.R. de. (Orgs). *Litera-*

tura e Linguística: um olhar reflexivo. Pará de Minas: VirtualBooks, 2018. (V. 1, p. 69-77)

TELES, Marco Antonio Hruschka; LIBANORI, Evely Vânia. Uma discussão entre o Ser e o Ente em a paixão segundo G.H., de Clarice Lispector. *Revista de Estudos Literários da UEMS – Revell*, v. 1, n. 18, p. 343-63, Mato Grosso do Sul, abr. 2018.

TORRES, Ana Maria Ferreira; FERRAZ, Antonio Maximo Gomes. A verdade como questão em A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector. *Soletas – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ*, n. 30, p. 265-278, Rio de Janeiro, jul./dez. 2015.

WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 20. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.